



Jornalismo e experiência partilhada: narrativas sobre célebres cidadãos¹

Criselli Montipó²

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR

Como mediador do espaço público o jornalismo partilha experiências. A partir do emprego de recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, segundo Motta (2010), este artigo se propôs a averiguar os sentidos que emergem de três reportagens da revista *Brasileiros*. O intuito foi de investigar a presença de relatos sobre pessoas célebres e o tratamento dado na prática jornalística contemporânea. Tal enfoque tem como pressuposto o ideal democrático do jornalismo, em que se faz presente a obrigação jornalística de mediar a construção da cidadania.

Palavras-chave: Fundamentos do Jornalismo; Narrativa jornalística; Reportagem; Construção de sentidos; Revista *Brasileiros*.

Narrativa jornalística e célebres cidadãos

O lado oculto de celebridades já foi objeto de trabalho do repórter Gay Talese, em seu clássico *Fama e Anonimato* (2004). Mestre na arte de sujar os sapatos - conforme o posfácio escrito pelo jornalista Humberto Werneck - Talese imprime em seus perfis, a textura das ruas, as manias, os rostos e os esconderijos secretos de célebres cidadãos. Perspectiva semelhante foi adotada pela equipe da revista *Brasileiros*³, constatada na pesquisa *Narrativa jornalística e diversidade sociocultural* - a tessitura das reportagens da revista *Brasileiros* (Montipó, 2012)⁴. A constituição do *corpus* possibilitou a análise de reportagens sobre celebridades, com enfoque às suas experiências partilháveis de cidadania – um dos propósitos da revista.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Jornalista, mestre em Jornalismo pela UFSC e doutoranda em Comunicação e Linguagens pela UTP. Professora do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e-mail: criselli@gmail.com.

³ A revista *Brasileiros* é uma publicação da Brasileiros Editora Ltda, em circulação desde julho de 2007. A editora, com sede em São Paulo (SP), tem como diretor responsável o jornalista e fotógrafo Hélio Campos Mello. Fazem parte do conselho editorial da revista Fernando Morais, Miguel Nicoletis, Nirlando Beirão e Ricardo Kotscho, entre outros. Desde sua primeira edição, a revista evidenciou que seu foco seria o Brasil e seus personagens.

⁴ A pesquisa reuniu a análise de 48 capas das edições mensais da revista desde a sua primeira edição, em julho de 2007, até a edição 48, de julho de 2011, bem como a análise de reportagens de perfil publicadas em 12 edições, que formaram um ano artificial (meses de janeiro a dezembro) de 2007 a 2011.



Nesta perspectiva, conforme destaca o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros⁵, o ideal contemporâneo de jornalismo privilegia o entendimento de que as narrativas da mídia sejam um espaço para a manifestação pluralista e a manutenção do sistema democrático.

Ao contar, lembrar, recontar, registrar, debater, polemizar, o jornalismo ajuda a memória coletiva e individual a tornar-se social e histórica, além de contribuir consigo mesmo para que seja, como outras áreas, memória da humanidade. E contribuir para que tal memória se constitua como referência para a ação, para a opinião, para a democracia e para a constituição da cidadania (KARAM, 2004, p.251).

As pessoas precisam da mídia para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, conforme Silverstone (2002): “para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades das experiências” (p. 12). Afinal, as narrativas são formas de experimentação da realidade social, e tal estratégia é adotada pela política editorial de *Brasileiros* a fim de criar empatia, uma das características mais marcantes da estética do perfil, como já destacou Vilas-Boas (2003). Mais do que informações, esse tipo de relato serve para compartilhar experiências.

A fim de analisar quais sentidos emergem dos relatos publicados na revista *Brasileiros*, contou-se com recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística proposta por Motta (2010). Essa metodologia possibilita o estudo das relações humanas que produzem sentidos por meio de expressões narrativas. Motta (2010) lembra que as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas uma forma de organizar nossas ações em função de performances socioculturais.

A análise deu atenção à *recomposição da intriga* (recompôr o enredo completo) e à *identificação dos conflitos*. Também buscou investigar como se dá a *construção de personagens jornalísticas*. Essa etapa permite que os personagens sejam classificados como protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis.

A identificação das *estratégias comunicativas* presentes no texto possibilita descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores, capazes de revelar o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos na comunicação

⁵ O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros foi atualizado no Congresso Extraordinário dos Jornalistas, realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em Vitória, Espírito Santo, de 3 a 5 de agosto de 2007. O documento está disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 21 maio 2012.



jornalística. Tais opções visam produzir efeitos de real ou efeitos poéticos. A metodologia sugerida por Motta também aponta para a investigação acerca do *contrato cognitivo* e da *relação comunicativa* firmados pelo narrador, chamada de perspectiva narrativa, situação narrativa ou instância narrativa. Segundo Motta (2010), a focalização narrativa demonstra a intencionalidade do narrador na construção de sentidos.

A averiguação das *metanarrativas* ou, como explica Motta (2010; 2013), os significados de fundo moral ou fábula da história também é necessária, pois nesta dimensão da análise é que o jogo entre as intenções e interpretações da comunicação jornalística se revelam.

Experiências e sentidos que emergem dos relatos

Para tanto, foram analisadas três reportagens publicadas na revista *Brasileiros* que dedicaram espaço para célebres cidadãos. O perfil do ator baiano Lázaro Ramos foi matéria de capa da edição 42, de janeiro de 2011. A manchete *Este é o cara* evidencia esse tratamento dado pela revista. O conjunto de textos jornalísticos intitulados *Garoto mau* e *Garoto bom*, foi produzido pelos repórteres Alex Solnik e Marcelo Pinheiro em contextos e situações diferenciadas (uma entrevista e a outra reportagem, respectivamente). As fotos são de Luiza Sigulem. O intuito foi de constituir um perfil do ator, com diversas faces de sua vida.

A reportagem analisada, *Garoto bom*, refere-se ao lançamento do livro *A Velha Sentada*, primeira obra de Lázaro Ramos para o público infantil. A pauta prioriza alguns aspectos defendidos pela política editorial da revista *Brasileiros*, já que trata de um negro nordestino (que atualmente vive no Sudeste) e que tornou-se célebre a partir de sua atuação profissional.

Publicadas em sequência, as matérias *Garoto mau* e *Garoto bom* demonstram o uso de recursos com intuito de causar um efeito de humor. Na entrevista *Garoto mau* a foto de Lázaro Ramos ocupa uma página da revista, o ator olha sério para um ponto em sua diagonal. A foto pretende fazer relação com o personagem que foi protagonizado pelo ator na novela *Insensato Coração*, exibida às 21 horas, na Rede Globo (à época da entrevista, a novela estava sendo anunciada, ainda não havia sido exibida). Nas palavras de Lázaro Ramos, tratava-se de um anti-herói, com o qual ele não se identificou pessoalmente, já que afirmou preferir interpretar o tipo “bom rapaz”. Já a matéria



Garoto bom traz a outra face do ator, a sua vida pessoal e sua iniciante carreira de escritor.

Além das estratégias comunicativas estéticas, evidentes na apresentação gráfica do material jornalístico em que foi empregado o humor com a publicação de fotos com diferentes semblantes do ator (nas versões garoto mal, sério; e garoto bom, sorrindo), na reportagem também está presente outra estratégia, a de construir efeitos poéticos, com o uso de verbos de conselho: “*Não se deixem enganar. Como veremos adiante, muito além de estar ali por mera estratégia comercial, ele tem ‘mercadorias’ muito mais valiosas a oferecer*”. Emprega, também, adjetivos que trazem uma interpretação sobre o personagem. “*Figura rara nesse meio de celebridades frívolas – cercadas por seguranças e assessores de imprensa com suas interlocuções e restrições -, Lázaro é extremamente acessível e tem muito a dizer*”. A sequência de frases demonstra que, embora com dados objetivos, a revista permite que o repórter exerça sua subjetividade.

Na frase: “*(O ator) Personifica como poucos de seu meio a figura do ‘rapaz de bem’, cantado por Johnny Alf. Sua onda também é do vai e vem. Boas ações que provocam boas reações*”. Fica clara uma visão de mundo em que está presente a ideia de que o personagem é uma pessoa bem intencionada, que pratica boas ações. Além disso, o ator é negro, e alcançou sucesso no país que aboliu a escravidão negra há pouco mais de cem anos, onde, portanto, ainda existe muito preconceito.

Tal estratégia comunicativa também contribui para a construção do personagem. Trata-se de uma pessoa responsável, segundo a narrativa. Ainda que a reportagem parta de um fato, o lançamento do livro, a narrativa busca outros episódios para compor a figura de Lázaro Ramos. No intertítulo “*Um grande brasileiro na estreia da Brasileiros*”, o repórter lembra que Lázaro foi o personagem que estampou a capa da primeira edição da revista, em julho de 2007. Destaca que, em reportagem de Chico Silva, que investigava as diversas facetas do preconceito, o ator com tranças jamaicanas deu seu testemunho e falou sobre sua trajetória de superação. Quarenta e dois meses depois, Lázaro volta à capa da revista.

Para contextualizar o leitor sobre quem “é o cara” que aparece na capa da revista duas vezes em menos de quatro anos, Marcelo Pinheiro abre outro intertítulo: “*O menino do Garcia*”, em que conta os principais fatos da vida de Lázaro Ramos. Para conceber esse personagem, a narrativa volta à infância do ator e aproxima-se dos contos míticos de guerreiros, que atravessam momentos difíceis, sempre rumo à vitória, ao crescimento pessoal e às ações de bem comum.



“Nasci e fui criado no Garcia. Um bairro humilde de Salvador. Um lugar sem muitos recursos, mas eu também tinha muitos vizinhos e um quintal em minha casa. Acho que foi ele que me estimulou a ser ator. O quintal era um signo de proteção, mas ao mesmo tempo um mundo onde eu, dentro daquele terreninho, podia ser tudo o que eu quisesse. Morava com meus primos e fui criado por Helenita, uma senhora que hoje tem 86 anos de idade e é minha tia-avó. Meus pais não tinham condições de me dar uma boa educação e fui muito bem criado por ela, que nunca teve filhos, mas que chegou a cuidar de 16 crianças. A casa dela estava sempre aberta para quem precisasse de ajuda. Mesmo que não tivesse comida para todos, ela estava sempre disposta a ajudar mais um. Foi assim que vivi minha infância. Criado por essa mulher generosa e aprendendo a dividir, a ter bom humor para enfrentar a vida, amar a mim mesmo e a cuidar do outro. Os anseios desse artista famoso estão muito misturados com os anseios do cara que veio desse bairro pobre de Salvador. Ao receber o “microfone” da fama, percebi que não valia muito a pena ter esse microfone simplesmente para ficar ganhando roupa de graça e outros privilégios – que é o que muita gente famosa prefere fazer. Quem sempre fala por mim, mesmo quando me posiciono como ator, é aquele menino do bairro do Garcia”. (*Brasileiros*, janeiro de 2011 – *Este é o cara – Garoto bom*, p. 63)

Nesse ponto da narrativa, o repórter dá voz ao entrevistado. É ele que, com suas próprias palavras, narra sua trajetória. O texto se aproxima da jornada do herói (Martinez, 2004). Tal proximidade é sustentada por outras informações apresentadas na reportagem: o ator é um dos quatro brasileiros a representar o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em defesa das crianças. Além disso, o ator dirige o programa *Espelho* (idealizado por ele no Canal Brasil, onde discute a identidade brasileira). O livro aborda o tema infância (a menina Edith, personagem da obra, dá uma guinada em sua infância, quando descobre que tinha uma velha sentada dentro de sua cabeça).

O tema política entra na pauta quando o repórter pergunta a Lázaro o que mudou de 2007 a 2010 (o tempo que passou entre uma entrevista e outra para a revista *Brasileiros*). Ao falar sobre política e sobre o desenvolvimento brasileiro nos últimos anos, o entrevistado ressalta que a autoestima dos brasileiros melhorou muito, graças à ascensão de classe social experimentada por milhões de pessoas, o acesso a bens de consumo e a estabilidade econômica. O ator diz ser inevitável falar do presidente Lula e salienta que foi muito saudável, “*o passo seguinte de colocar uma mulher no poder*”. O narrador transcreve a fala do entrevistado:

O espaço dado ao tema é consonante ao posicionamento editorial da revista que revela abertamente sua identificação com o governo de Lula e de Dilma. O relato final do entrevistado – que é também a fala que encerra o bate-papo na Biblioteca de São Paulo – revela um sonho de Lázaro: não precisar mais falar sobre preconceito. “*Essa ainda é uma ferida aberta em nossa sociedade. Acho isso uma tremenda perda de*



tempo. Tanta coisa que a gente poderia falar e, entre outras coisas, estamos aqui discutindo isso”.

Há duas pequenas fotos que ilustram as páginas seguintes, em que aparecem Lázaro e o público. A legenda agrupa as duas imagens: “*Exemplo: A origem humilde não inibiu a capacidade de Lázaro sonhar e transformar a própria vida*”. Deixa claro o significado de fundo: a narrativa traz evidências implícitas na construção do texto: o garoto mau, da ficção, não é um exemplo a ser seguido, pois é, nas próprias palavras do entrevistado, um anti-herói. Já a vida do ator, sua preocupação com a superação do preconceito e suas ações como escritor e representante da Unicef, trazem valores compartilhados pela sociedade brasileira, como a figura do bom rapaz, aquele que lutou e chegou lá.

Já a edição 8, de março de 2008, apresentou a reportagem *O monge da notícia*, que também conta a história de um personagem conhecido em todo o Brasil, o repórter Heródoto Barbeiro. Na época, editor-chefe do Jornal da Cultura e no comando do Jornal da CBN havia 15 anos. A reportagem de Ricardo Kotscho, com fotos de Hélio Campos Mello busca, como já anunciado no subtítulo, desvendar o segredo de Barbeiro para enfrentar com bom humor uma jornada de trabalho de 17 horas diárias. “*Para descobri-lo, acompanhamos um dia na vida do monge Gento Ryotetsu*”, adianta Kotscho no subtítulo.

A estratégia narrativa adotada para traçar o perfil de Barbeiro foi de acompanhar a rotina do repórter que sai de casa às 5 horas da manhã. O intuito foi pesquisar seus contextos socioculturais, conversar com ele e com quem convive com ele e movimentar-se com o personagem por diversos locais, como sugere Vilas-Boas (2003) para a construção de perfis. Ou seja, a arte de sujar os sapatos, de que fala Werneck (2004).

Repórter e fotógrafo chegam na hora marcada: “*No horário combinado, ele apareceu todo lépido e sorridente, ainda ajeitando a gravata, na sala de visitas*”. O narrador já demonstra quais são os ânimos do entrevistado e coloca-se na narrativa: “*Ao ver a nossa cara derrubada naquela hora precoce da manhã, os dois em pé admirando uma imagem de Buda que domina o ambiente, ele achou graça. ‘Pensei que vocês tivessem desistido...’*”.

As marcas de humor ajudam a evidenciar o propósito da reportagem, que segundo Kotscho é desvendar o mistério: “*Como ele aguenta esta rotina, que começa no estúdio do Jornal da CBN, às 6 da manhã, e só vai terminar lá pelas 11 da noite,*



quando volta para casa depois de apresentar o Jornal da Cultura do outro lado da cidade?”. O repórter optou por seguir os passos de seu personagem para encontrar a resposta.

Nos parágrafos iniciais é possível conhecer particularidades da rotina do jornalista, como seus hábitos alimentares no café da manhã e o companheirismo da esposa que acorda cedo para poder conversar com Barbeiro, já que ele volta tarde. Ao longo da reportagem, que ocupa dez páginas da edição, Kotscho construiu cinco intertítulos com a mesma frase *“Como ele aguenta?”*, a fim de realçar os efeitos poéticos da narrativa e o tom de suspense para a resposta.

À caminho do trabalho, Barbeiro conta um pouco sobre sua trajetória, fala do pai, de sua quase morte por atropelamento de bonde e outras curiosidades, como sua intrigante mudança de profissão e a escolha dos nomes dos irmãos da família Barbeiro:

Estudou em diferentes colégios da região central, todos públicos. Depois que o bar do pai virou oficina, começou a trabalhar como ajudante de mecânico e borracheiro. Foi também office-boy de comerciantes da região, antes de se tornar professor ainda muito jovem, ofício que exerceu por mais de 20 anos. Caso raríssimo, só iniciaria sua carreira de jornalista depois dos 40, já formado em direito, além de história.

Heródoto não é do tipo autobiográfico. Só fala dele mesmo quando questionado. Com o distanciamento de quem está traçando o perfil de outra pessoa, não tem nenhum cacoete de famoso. "Meu pai cismou de colocar nomes gregos nos cinco filhos. Por coincidência, fui ser professor de história, mas meu irmão Hipócrates não é médico. O médico da família é o Aristóteles...". (*Brasileiros*, 8, março de 2008, *O monge da notícia*, p. 56)

A personalidade do protagonista vai sendo desvendada por meio de seu passado, seus gostos, como andar a pé, praticar ginástica ou natação, dirigir sua Kombi branca movida a gás *“novinha em folha”*, visitar seu sítio em Taiapuêba, distrito de Mogi das Cruzes. Os episódios são intercalados com algumas lembranças da equipe de Barbeiro, como o susto que provocou nos colegas com um quadro de pré-infarto, em 2006. Kotscho descreve o que vê enquanto o protagonista apresenta o jornal: *“Heródoto, sempre em pé, esfregando as mãos, gesticula e mexe o corpo todo feito um maestro de orquestra alemã para ler as notícias que não param de chegar. Não usa óculos”*. Após narrar diversos momentos do trabalho do âncora, Kotscho lança outras vezes a pergunta *como ele aguenta?* Agora há um princípio de resposta.

"Eu aguento porque meu trabalho o dia inteiro é um só, tanto na rádio como na televisão, uma coisa é ligada na outra. Só faço isso. Não conseguiria mais dar aulas, por exemplo, teria de preparar e não tenho condições", tenta explicar, mas não convence nem a ele mesmo. Além do que, não é bem



verdade. E as palestras? "Ah, mas eu só faço palestras sobre jornalismo...". E os livros? (*Brasileiros*, 8, março de 2008, *O monge da notícia*, p. 61)

O repórter demonstra sua inquietação diante de tanta disposição e relata que o próprio entrevistado estranha a insistência do repórter na pergunta, “*pois deve achar que a vida que leva é a coisa mais normal do mundo*”. Ao passo que o dia avança e os diálogos ocorrem, Kotscho descobre mais e mais afazeres de Barbeiro, como sua função de assessor de imprensa honorário da Sociedade Amigos de Taiaçupeba, em proteção da Mata Atlântica. Um dos compromissos de sua agenda naquele dia é um almoço com militantes da associação.

O narrador destaca que às 17h20 o personagem chega “*com cara de quem está começando o dia*”, à TV Cultura para sua segunda jornada de trabalho, “*depois de dormir uma hora em casa, dar alguns telefonemas e conversar com os filhos*”. A estratégia é de construir a imagem de que Barbeiro é um homem trabalhador, forte, comprometido.

Também é evidente o suspense. Kotscho insiste em descobrir qual é a receita para Barbeiro se manter sempre sorridente e bem disposto em suas múltiplas atividades.

Como o dia está calmo de notícias, antes de se reunir com o editor-chefe do Jornal da Cultura, Ricardo Taira, ele decide me contar a verdadeira história do seu personagem oculto, que pouca gente conhece: o monge Gento Ryotetsu, nome de um patriarca budista que adotou quando passou a frequentar o templo dessa religião na Rua São Joaquim, na Liberdade. (*Brasileiros*, 8, março de 2008, *O monge da notícia*, p. 62)

O narrador busca enfatizar o caráter de surpresa dessa descoberta e vai descobrindo detalhes engraçados desde a primeira vez que Barbeiro viu uma estátua de Buda até tornar-se um monge. Segundo o protagonista, isso o ajuda na prática jornalística porque o budismo busca o caminho do equilíbrio. O repórter mostra-se satisfeito por ter conseguido tal revelação: “*Muito bem, finalmente entendi como ele aguenta essa roda-viva diária*”. O dia já vai chegando ao fim. Como Kotscho descobriu o segredo de Barbeiro para recarregar suas energias, despede-se e agradece ao entrevistado, que ainda vai trabalhar até às 23 horas. “*Esclarecido o mistério, missão cumprida, fomos tomar um chope no Bar do Alemão, como fazem os jornalistas normais que não se tornaram monges*”, encerra o narrador.

O segredo foi revelado. Tal resultado foi alcançado graças à estratégia comunicativa adotada, de acompanhar a rotina do personagem. A reportagem também revela um trabalhador incansável, um cidadão exemplar, numa espécie de saga heroica



contemporânea: a busca pela realização profissional a partir da luta em dois empregos, comum a muitos brasileiros. Vale lembrar que o mito do herói exerce grande poder de sedução e uma importância psicológica profunda.

As histórias dos heróis variam em detalhes e se modificaram muito na época moderna, mas todas guardam uma estrutura semelhante de nascimento humilde, lançamento em uma aventura, demonstração de sua força e falibilidade ante as tentações, seus triunfos e declínios. (MOTTA, 2011, p. 204)

Segundo o autor, a lógica dos heróis, suas inquietações, buscas, quedas e triunfos fascina, mesmo na indústria cultural, porque permitem às pessoas, inclusive na atualidade, reviverem as aventuras humanas.

Na capa da edição 38, de setembro de 2010, anunciava-se: *O (ex!) fumante inveterado Ricardo Kotscho entrevista Drauzio Varella, o antitabagista radical*. A reportagem de capa, *As sete vidas do doutor Drauzio*, de Ricardo Kotscho, com fotos Hélio Campos Mello, buscou mostrar o personagem em suas várias facetas: professor, médico, pesquisador, comunicador, voluntário, escritor, cidadão. Kotscho, que na maioria das vezes adota o narrador em primeira pessoa, já adianta seu desafio logo nos primeiros parágrafos:

O mais difícil ao escrever uma reportagem sobre a vida de um homem chamado Drauzio Varella é descobrir por onde começar. Porque não é uma, são muitas as vidas simultâneas deste paulistano do Brás, filho de humilde família de galegos e portugueses, que perdeu a mãe aos quatro anos e, desde pequeno, nunca pensou em ser outra coisa na vida a não ser médico. “Nunca titubeei nesta escolha e nunca me arrependi depois”, constata ele, ao me contar como foi o caminho que percorreu para se tornar o Médico do Brasil, o profissional mais popular e admirado do País em sua área.

Na hora marcada, três da tarde da primeira segunda-feira de agosto, ele me convida para entrar em seu franciscano consultório no terceiro andar do prédio, em frente à entrada principal do Hospital Sírio-Libanês, na região central de São Paulo, um dos seus muitos locais de trabalho. Aos 67 anos, o doutor Drauzio Varella é um personagem asséptico e atípico. À primeira vista, nada nele chama a atenção. Nem a roupa, nem qualquer acessório que possa identificar sua profissão. Dispensar-me descrever como ele é. Sua figura calva, magra e serena, todo o País conhece das noites de domingo na TV Globo, onde as séries médicas por ele apresentadas no Fantástico são campeãs de audiência desde a estreia, há dez anos. (*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 46)

O repórter narra de um ângulo privilegiado: é participante ativo da cena. Os adjetivos usados ajudam a constituir o perfil desse personagem conhecido da TV. Kotscho busca mostrar o que não é visto, sua história, seus dramas, seus desejos. Ainda que destaque não ser preciso descrevê-lo, ressalta que é “*figura calva, magra e serena*”.



O veterano da reportagem tem como regra sempre estar junto com os personagens no texto, de forma que deixa transparente seu processo de construção da narrativa, desde quando realizou a entrevista, o ambiente, até suas dificuldades durante o processo de construção textual. A adoção do narrador é pelo relato cronológico, a fim de abranger todas as sete vidas de Drauzio Varella, o que também já esclarece ao leitor:

De professor de cursinho, um dos fundadores do Objetivo, a médico cancerologista e especialista em doenças infecciosas no serviço público e privado; de pioneiro no combate à Aids a médico multimidiático (primeiro, no rádio, depois, em jornais, revistas, na televisão e agora também na internet) e escritor de fina escrita com vasta obra publicada; de voluntário na assistência a presos do Carandiru e da Penitenciária Feminina a pesquisador de plantas silvestres para fins medicinais na Amazônia; de cruzado contra o tabagismo a maratonista, o conjunto da obra de Drauzio Varella é tão vasto que só pode ser contado em capítulos. (*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 46)

A estratégia narrativa adotada revela algo mais: para contar a vida desconhecida do famoso Drauzio é preciso tempo e espaço, pois trata-se de “*um brasileiro do bem*”, como evidencia o repórter, são doze páginas dedicadas ao personagem (duas delas em entrevista pingue-pongue).

No *Capítulo I - O professor Drauzio: ainda estudante, fundador do Objetivo*, Kotscho traça a trajetória do fundador do cursinho que hoje é um grupo educacional, com diversos colégios no país e uma universidade em São Paulo. No *Capítulo II - O médico Drauzio: pioneiro no combate à Aids*, o narrador destaca a fase em que Drauzio descobriu sua verdadeira vocação.

Por mais de 20 anos, trabalhou no anonimato, como diretor do Setor de Imunologia do Hospital do Câncer, até ser convidado, em 1985, para participar de um congresso na Suécia sobre uma nova e terrível doença: a Aids. Ao ver a projeção de slides feita por funcionários da Organização Mundial da Saúde, com imagens que o deixaram chocado, Drauzio se lembrou de um trecho da Divina Comédia, de Dante: “O pior dos infernos está destinado aos que nos momentos de crise se abstêm”. “Fiquei com essa ideia na cabeça. Era preciso alertar a população”. (*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 48)

O texto traz o drama vivido pelo personagem quando se depara com uma doença como a Aids. O repórter destaca que o tema o angustiou por algum tempo. O protagonista conta, então, como encontrou uma solução para seu problema: “*Decidiu escrever um artigo e entregou-o ao amigo Miguel Jorge, que ocupava o cargo de editor-chefe do jornal O Estado de S. Paulo. (...) Acabou aí o sossego do doutor*”, antecipa o narrador, que abre o *Capítulo III - O comunicador Drauzio: do rádio à TV*,



um médico multimidiático. Nesse capítulo, traz informações desde suas primeiras gravações na rádio Jovem Pan, até como chegou à Rede Globo de Televisão: “*Foi uma série atrás da outra: gravidez, diabetes, hipertensão, tabagismo, verminose, obesidade (...). Drauzio nunca mais pode sair à rua sem ser parado para dar consulta aos seus pacientes-telespectadores*”.

No *Capítulo IV - O voluntário Drauzio: trabalho com presos vira livro e filme*, Kotscho conta as motivações que levaram o médico a atuar no sistema penitenciário, o que resultou, mais tarde, no livro *Estação Carandiru*, e o longa-metragem homônimo de Hector Babenco:

Drauzio Varella entrou na Casa de Detenção do Carandiru pela primeira vez para fazer um documentário educativo sobre Aids, financiado pela Perdigão. “Eu sempre fui fascinado por coisa de cadeia. Quando eu era criança, assisti a um filme, *Força Bruta*, com Burt Lancaster, que me despertou a atenção para esse tipo de ambiente. Quando fui lá fazer o filme, passei o dia inteiro na cadeia. E depois a cadeia não me saiu da cabeça. Fiquei pensando naquilo semanas, as imagens dos presos entrando e saindo das celas, aquele clima pesado. Tempos depois, voltei lá para fazer um estudo para identificar HIV positivos na cadeia.”

(...) A pesquisa durou um ano, mas Drauzio não saiu mais do Carandiru, trabalhando lá como médico voluntário na assistência aos presos, até o velho prédio ser implodido em 2002. Criou uma rotina de visitas semanais, às sextas-feiras pela manhã. Levava vídeos musicais e educativos para atrair a atenção dos presos e depois dava aulas sobre como se prevenir de doenças contagiosas, além de responder a perguntas. (*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 50)

Depois disso, Drauzio passou a trabalhar na Penitenciária do Estado, feminina, onde ressalta que há muitos problemas ginecológicos e emocionais. “*A mulher presa, ao contrário do homem que vai preso e sempre tem uma mulher que o visita, é abandonada pela família. (...) Cadeia de mulher é muito mais complexa*”. O narrador dá espaço para que o entrevistado comente sua experiência, o que deixa transparecer a sensibilidade do protagonista e um comportamento cultural constatado no Brasil.

No *Capítulo V - O pesquisador Drauzio: em busca de novas curas, quase encontra a morte*, Kotscho narra um episódio que é contraditório ao que se espera do médico. O fato ocorreu durante uma viagem à Amazônia, onde desenvolve uma pesquisa. “*Em 2004, foi em uma dessas viagens que o médico ficou doente e quase morreu. Por descuido, embarcou para a Amazônia sem tomar nova vacina contra febre amarela*”. O trecho registra a humanidade do médico, ou seja, ele também corre o risco de morrer:



A sua (vacina) estava vencida havia mais de dez anos. Pegou uma febre amarela brava, que só foi diagnosticada em São Paulo, pelos médicos do Sítio-Libanês, quando seu estado de saúde já era gravíssimo.

“Fui acompanhando os exames que vinham e achei que, tecnicamente, eu ia morrer. Pensei comigo: vou entrar em coma hepático, vou começar a sangrar, vão me levar para a UTI... E aí, os médicos vinham e eu sabia, pelo convívio com os pacientes, o que ia acontecer comigo. Nesta hora, pensei o que faltou fazer na vida, e cheguei à conclusão de que não tinha faltado nada. Pela idade que eu tinha na época, eu tinha feito tudo o que eu queria fazer.” (*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 51)

No *Capítulo VI - O cruzado Drauzio: ex-fumante virou inimigo nº 1 do cigarro*, é possível conhecer a realidade de Drauzio na década de 1970, quando médicos e pacientes podiam fumar até dentro dos hospitais. O personagem era um deles e conta como decidiu largar o vício. A palavra “*cruzado*” refere-se à cruzada antitabagismo realizada por ele desde então.

“Um amigo meu, o ex-deputado João Batista Breda, tinha sofrido um infarto. Um dia, ele foi à minha casa e nós ficamos conversando a noite inteira. Eu já tinha diminuído bastante o cigarro desde o episódio dos Estados Unidos. Era uma sexta-feira. Eu tinha um maço de cigarros e ele também. Nessa noite, a gente fumou o maço dele, o meu e, quando foi às três da manhã, ele falou:

- Acabou o cigarro!

- Nossa! Nós fumamos tudo? Você teve um infarto e está fumando tudo isso?!...

Ele ficou sem graça quando eu falei e eu fiquei sem graça por ter falado isso para ele. Aí, fiquei pensando: que diferença tem entre eu e ele? A diferença é que ele já tinha tido um infarto, e eu não... Daquele dia em diante, eu não fumei mais na vida.” (*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 52)

O repórter prefere recompor as cenas do ponto de vista do entrevistado e as faz com base nas lembranças de Drauzio, inclusive com a transcrição direta do diálogo dos amigos. Nesse capítulo o repórter assume que é fumante, mesmo que “*meio envergonhado*”. A edição da matéria privilegiou um traço bem humorado dessa confissão, pois, internamente, na primeira página da reportagem há uma foto de Kotscho e Drauzio conversando no consultório (publicada em duas páginas), e a chamada: *O (ainda) fumante inveterado Ricardo Kotscho entrevista...* e na segunda página: *... o antifumante radical Drauzio Varella*. Durante o encontro o repórter ainda fumava, era agosto de 2010. Já na capa da revista, publicada em setembro, a manchete de capa é: *O médico do Brasil - O (ex!) fumante inveterado Ricardo Kotscho entrevista Drauzio Varella, o antitabagista radical*. Além de salientar a autoria do texto, uma das marcas da revista, a brincadeira enfatizou comportamentos do narrador e do personagem.



Em *Capítulo VII - O cidadão Drauzio: ateu praticante, quer tempo para escrever*, Kotscho quer saber de onde vem essa energia para comprar novos desafios sem abrir mão dos antigos. E revela: “*Para quem pensa que o médico acredita em alguma força espiritual superior a lhe guiar os passos, Drauzio faz questão de ir logo deixando claro: sempre foi ateu*”. É então que o repórter assume sua posição de narrador intruso, deixa evidente sua surpresa diante da revelação seguinte: “*Por estranho que possa parecer, em vez de buscar alimento para o espírito em alguma igreja, todo domingo o médico vai correr no Minhocão, o feio viaduto que liga as zonas Leste e Oeste da cidade e é interditado ao trânsito neste dia*”.

O personagem revela que gostaria de ter mais tempo para escrever, embora já tenha produzido diversos gêneros, e ainda prometeu arranjar tempo para um encontro frequente com os carcereiros que conheceu no Carandiru. A última frase da narrativa é: “*Como as outras promessas que fez na vida, mesmo sendo ateu essa também vem sendo cumprida religiosamente*”. O repórter graceja com a falta de religiosidade do entrevistado, mas, ao mesmo tempo, reafirma que é uma pessoa de palavra, honesto, “*um brasileiro do bem*”, como já afirmou no início da reportagem. Drauzio é, portanto, um personagem referencial, conforme Brait (1985, p. 45), que remete a um sentido pleno e fixo, pois tal condição assegura o efeito do real e contribui para que seja designado um célebre cidadão.

Considerações finais

A partir deste estudo, constatou-se – à contramão do que defendem os apocalípticos do jornalismo – que as grandes reportagens ainda têm espaço nos veículos impressos, como no caso da revista *Brasileiros*. A equipe da revista parece ter bem clara a estratégia de narrar com base no compartilhamento de experiências, buscando no leitor também um “brasileiro de bem”. O recorte, aqui apresentado, demonstra a produção de reportagens de perfil sobre a trajetória pessoal e profissional de pessoas célebres, sempre com uma abordagem otimista, de empatia, na forma de “ele é um exemplo a ser seguido”, “esse é o cara”, exatamente nestes termos. As narrativas jornalísticas de *Brasileiros* evocam perfis ancorados, principalmente, em traços de valentia, cidadania, comprometimento.



Paiva (2002)⁶ - que tem se dedicado aos estudos sobre as relações entre produção jornalística e cidadania - atribui ao jornalismo a responsabilidade de promover o espaço público na mídia, porém, com limitações. A autora critica que o jornalismo não tem se mostrado capaz de promover uma mediação cidadã que englobe a diversidade de interesses dos grupos.

Presente nessa linha de raciocínio está a noção de “cidadão de bem”. Nesse ponto há um nítido recorte que se configura na classe social, portanto, ligado a um sistema de desigualdades. No caso dos personagens das reportagens da revista *Brasileiros*, por exemplo, construídos como heróis, servem como símbolos, exemplos a serem seguidos. O compartilhamento de um padrão ideal de cidadão pode, contraditoriamente, demonstrar que a revista busca personagens plurais, pois acaba oferecendo um relato único, uníssono. Ao selecionar e construir um modelo, estimula a conformação aos moldes e o espaço para a diferença poderia ser abalado.

Por outro lado, à medida em que as reportagens informam sobre as experiências comuns da vida urbana de célebres cidadãos, tornam possível apreender o sentido social, coletivo, para além do que a equipe da revista entende por narrativas sobre cidadania.

De modo geral, a análise das reportagens da revista *Brasileiros* permitiu conhecer um projeto jornalístico com forte engajamento político, com ambiguidades acerca de um entendimento sobre o desenvolvimento socioeconômico equitativo e com contradições em seu projeto editorial, mas inserida no esforço de manter a prática do jornalismo, aquela da boa e velha reportagem, nestes tempos dinâmicos e fragmentados da narrativa jornalística.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

KARAM, Francisco José. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói: A Estrutura Narrativa Mítica na Construção de Histórias de Vida em Jornalismo**. In: Anais eletrônicos da Intercom - Congresso Brasileiro de

⁶ Fundamentada no pensamento da Teoria Crítica, a pesquisadora Raquel Paiva promove um sentimento de alteridade em relação à construção da cidadania e suas implicações nos processos de produção jornalística. A pesquisadora defende que há discrepâncias na garantia de direitos entre elites e minorias e que o jornalismo e a comunicação são fatores-chaves para a superação de tais desequilíbrios.



Ciências da Comunicação, Porto Alegre, 2004. Disponível em www.intercom.com.br. Acesso em: 12 mar. 2012.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MONTIPÓ, Criselli. **Narrativa jornalística e diversidade sociocultural** - a tessitura das reportagens da revista *Brasileiros* (dissertação). Programa de Pós Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. (orgs). Metodologia de pesquisa em jornalismo. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **A narrativa mediada e a permanência da tradição: percurso de um anti-herói brasileiro**. In: Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, 38, 2011. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/6700>>. Acesso em: 2 maio 2012.

PAIVA, Raquel. **Ética, cidadania e imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato: o lado oculto de celebridades, a fascinante vida de pessoas desconhecidas e um inusitado perfil de Nova York, por um mestre da reportagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

Reportagens analisadas

KOTSCHO, Ricardo. *As sete vidas do doutor Drauzio*. In *Revista Brasileiros*. Edição 38. São Paulo: Editora Brasileiros, 2010.

_____. *O monge da notícia*. In *Revista Brasileiros*. Edição 8. São Paulo: Editora Brasileiros, 2008.

SOLNIK, Alex; PINHEIRO, Marcelo. *Este é o cara – Garoto bom*. In *Revista Brasileiros*. Edição 42. São Paulo: Editora Brasileiros, 2011.